



CASA APERTA ALLE/I GIOVANI: PASSIONE EDUCATIVA

3Main revela uma extraordinária capacidade de ir além de si mesma, para resolver momentos difíceis da vida, ligados a problemas de saúde ou a relações interpessoais.

- O seu pensamento preocupa-se das necessidades dos outros, sobretudo meninas e mulheres jovens
- Deus começa a manifestar o seu projeto na visão do Borgoalto com o slogan: "A ti as confio"

4Revelação de uma intuição... O caminho das hortas. Localiza-se entre a casa da Imaculada e a casa paroquial. Era nessa estrada que Maria se encontrava, habitualmente, com Petronila. Na convalescença da doença, Maria sentiu com maior insistência e clareza o chamamento à missão educativa. Certa manhã, saindo da Paróquia, enquanto caminhava com Petronila por aquele caminho, Maria partilhou com a amiga o novo projeto:

"-Ouve, Petronila, parece-me que o Senhor quer que nós as duas cuidemos das meninas de Mornese. Pensa bem: tu não tens forças e não podes ir para o campo. Eu, depois da doença, já não consigo. Nós as duas sentimos o desejo de salvar as nossas almas e de fazer o bem às meninas. Achas que, se soubéssemos costurar, conseguiríamos? Eu decidi aprender a costurar. Vem também tu comigo". E depois de explicar as razões da sua decisão, acrescentou a finalidade principal: "tirá-las dos perigos, torná-las boas e ensiná-las a conhecer e a amar o Senhor". E, por fim, referiu a base da espiritualidade que as animará: "Que cada ponto seja um ato de amor de Deus".

1. **Casa del sarto Valentino Campi - 1861-1862:** Maria e Petronila aprendem a profissão de costureira. O senhor Valentim era um alfaiate da terra, um cristão e pai de um filho de cinco anos. Apesar de haver uma costureira na terra, Maria preferiu ir aprender em casa dele. Com grande admiração de Petronila, Maria explicou-lhe as razões da sua escolha.

"O senhor Campi também vende tecidos: assim, nós aprendemos a costurar fatos para homem, que é mais difícil: pretendemos praticar não só o corte, mas também o valor dos tecidos, e isso vai-nos servir para os preços que temos de fazer.

Ele atende muitas mulheres jovens que são fáceis de contentar e que nem sempre ele pode atender de imediato, porque tem muito trabalho. Vamos pedir-lhe que nos dê a nós os trabalhos mais fáceis e que ele recusaria, e nós talhamo-los e costuramo-los em casa nas horas livres e à noite. A costureira tem apenas trabalho suficiente para ela e pode ter receio que nós queiramos tirar-lhe a clientela". (Cron I, 98)

Casa di Teresa Pampuro – 1862: Inizio del laboratorio.

No início do caminho que leva à paróquia encontramos a casa de Teresa Pampuro, natural de Mornese, cinco anos mais velha que Maria. Tendo perdido os pais, vivia sozinha. Petronila veio morar com ela, depois da morte do pai e, à tarde, depois de estar na casa do alfaiate, vinham com Maria terminar o trabalho. Teresa cedeu de bom grado a Maria e a Petronila uma sala para que pudessem preparar um ambiente onde depressa puderam iniciar as primeiras meninas de Mornese.

Mas, à medida que o número de meninas crescia, o espaço disponível não era suficiente e a fraca iluminação da sala levou à decisão de se mudarem, tendo iniciado a procura de um local adequado. Teresa Pampuro ficou sempre ao lado de Maria, observando o seu trabalho dedicado pelas meninas. Ela está entre as primeiras que iniciaram a vida juntas, na Casa da Imaculada e entre as primeiras Filhas de Maria Auxiliadora.





Casa Maccagno 1863: Sede del laboratorio e oratorio festivo...

Enquanto procurava um lugar maior para instalar a pequena oficina, Ângela Maccagno ofereceu a Maria e a Petronila uma sala no primeiro andar da sua casa, onde pudessem reunir as meninas. Esse local tinha uma entrada própria na parte de trás da casa, para que não incomodassem e pudessem manter uma certa independência.

O irmão de Ângela, consciente das dificuldades de espaço para a oficina, alugou-lhes a grande e luminosa sala com um pequeno pátio interno, por cinco liras mensais. Maria e Petronila aceitaram de bom grado, sobretudo porque a casa ficava a um passo da paróquia. Ali, elas continuaram a oficina diária e iniciaram, mesmo sem conhecer ainda

Dom Bosco, o primeiro Oratório Festivo

Casa Bodrato – 1863: Ospizio

A alegria, o empenho sério e a familiaridade vivida na oficina deram grande credibilidade, entre as famílias, a Maria e a Petronila. Tanto que a providência as colocou em condições de responder a uma nova necessidade. Um comerciante viúvo pediu hospitalidade para as suas duas filhas órfãs, uma de 6 e outra de 8 anos; de princípio, só durante o dia, mais tarde também de noite. (Cron I, 120)

Isso exigiu uma reestruturação de horário e também de ambientes. A casa Maccagno não tinha ambiente favorável para manter a oficina e, simultaneamente, quartos.

António Bodrato tinha duas salas que lhes podiam servir. A casa era ainda mais próxima da paróquia. Maria não hesitou em alugar estas duas salas e iniciou, assim, a primeira casa-casa.



Seconda Valponasca 1864: Exílio providencial

Voltou para aqui, mandada por don Pestarino, devido a incompreensões e dificuldades que surgiram no grupo das Filhas da Imaculada. A sua estadia teve para ela o sabor do exílio, ajudou o irmão Domingos (18 anos) e José (14). Regressou apenas no domingo para participar na Eucaristia. (Cron I,143) O sofrimento, a incompreensão e a solidão foram, para Maria, um momento privilegiado de amadurecimento na fé e de crescimento na disponibilidade aos projetos de Deus. “Exílio” providencial, porque fez emergir com maior transparência o caminho espiritual que Maria Domingas ia fazendo. A fecundidade das suas obras passou através do mistério pascal, ao qual está sempre associada com todo o coração, com toda a mente, com todas as forças.



Casa delle Figlie dell'Immacolata 1867:

Vida fraterna, comunidade sinodal. Em outubro de 1867 até maio de 1872 viveram lá Maria Mazzarello, Petronila Mazzarello, Joana Ferretino e Teresa Pampuro. Com elas, também algumas jovens: Maria Grosso, Maria Gastaldi e Rosa Mazzarello, sobrinha de Petronila.

Para Maria Domingas esta mudança foi a separação definitiva da sua família. Este grupo era diferente das novas Ursulinas. Viviam uma vida juntos, renovavam o voto de castidade todos os anos e não se comprometiam com a estabilidade em casa para que, se alguém quisesse, poder voltar à sua própria casa.

A sua vida é pobre, construída sobre poucas necessidades e conduzida com dignidade (todas se sustentam com o suor do seu rosto); é uma vida pacífica e alegre.

Quem as observa, vê-as serenas e felizes, com plena confiança no Pai celeste, que alimenta as aves do céu e pensa em como vestir os lírios do campo.



Comparando-nos com a experiência de Maín e acolhendo o apelo a ser CASA ABERTA...

Renovemos a paixão educativa e missionária empenhando-nos em estar com os jovens, ouvindo-os, dando-lhes confiança, acreditando neles, indo ao seu encontro lá, onde eles estão: fora dos ambientes tradicionais, também nas praças, ou no mercado, na fábrica, no mundo digital, na universidade, no centro comercial..."

- ✚ Hoje em dia, os nossos ambientes são espaços onde partilhamos com os jovens, recriando o estilo familiar das origens?
- ✚ O nosso ser educador salesiano prolonga a missão que Deus confiou a Maín entre as crianças e os jovens. Como vivemos, hoje, esta experiência de missão partilhada com as FMA e os leigos?